CONCEITO DE HEGEMONIA NO CURRÍCULO ESCOLAR: DIALÉTICA ENTRE GRAMSCI E APPLE

Debora Cristina Vieira de Simas, UFRJ

Luciana Castro Barcellos Aguiar, UFRJ

Renata Bernardo Andrade, UERJ-FFP

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar os aspectos teóricos de investigação do currículo escolar a partir da Teoria crítica do pesquisador neomarxista Michael Apple. Para tanto, o conceito de Hegemonia presente na obra de Antônio Gramsci terá protagonismo, pois influenciou diretamente Apple em suas teorizações futuras apostando numa alternativa ao tradicionalismo, buscando um viés crítico ao currículo. Os objetivos específicos se desdobram ao analisar e utilizar os conceitos de superestrutura e bloco histórico, para melhor compreender a relação entre o pensamento de ambos os intelectuais. A metodologia utilizada foi qualitativa baseada na pesquisa bibliográfica. Para desenvolver este artigo recorremos a referências teóricos de Gramsci, Apple, Macedo, Bobbit e Nogueira. Concluímos que Gramsci e Apple produziram conhecimentos complementares em épocas distintas e recortes espaciais diferentes. Possibilitando outros sentidos ao currículo, além do documento formal.

Palavras-chaves: Gramsci, Apple, currículo, Hegemonia.

**Introdução**

O presente artigo pretende iniciar uma discussão sobre o conceito de Hegemonia formulado por Gramsci e também discutido com um viés voltado para o currículo escolar por Michael Apple. É importante destacar que o assunto é complexo e está distante de ser esgotado e de obter explicações fixas.

Outros conceitos Gramscianos subjacentes serão citados de forma coadjuvante para auxiliar no processo de entendimento das questões como um todo, tais como superestrutura, ideologia, bloco histórico. A metodologia qualitativa utilizada é pesquisa bibliográfica. Com objetivo analisar os aspectos teóricos de investigação do currículo escolar a partir da Teoria crítica de base marxista presente na obra do pesquisador neomarxista Michael Apple. Para tanto, o conceito de Hegemonia presente na obra de Antônio Gramsci será fundamental.

O artigo é dividido em três tópicos básicos: O primeiro se ocupa em definir currículo escolar. O segundo tópico busca compreender o conceito de Hegemonia para Gramsci fazendo uma dialética com a aplicação do mesmo na obra de Apple, que usou como referência para desenvolver sua análise relacional curricular. No terceiro bloco faremos a discussão propriamente dita no campo educacional a partir dos resultados preliminares oriundos da revisão bibliográfica feita relacionando currículo, teoria crítica e hegemonia de acordo com Gramsci e Apple.

**1. O currículo escolar**

Em geral, o senso comum educacional percebe o currículo como um documento onde se expressa e se organiza a formação, ou seja, o arranjo do desenho organizativo dos conhecimentos, métodos e atividades em disciplinas, matérias ou áreas, competências, etc; como um artefato burocrático prescritivo. Entretanto professores nos cenários formativos, atualizam, constroem e dão feição ao currículo todos os dias, relacionalmente, tendo como seu principal objetivo a formação e seus processos de interpretação e veiculação, daí sua inerente complexidade.

Bobbit (1918) escreve na sua obra *The Curriculum,* que é considerada um marco na fundação do currículo como objeto de estudo específico. Bobbit queria ver o currículo ser conceito e prática tal qual se organiza a empresa ou a fábrica, orientados pelas ideias da administração científica de Frederick Taylor. Bobbit tinha a visão de que a escola, e por consequência, o currículo, deveria organizar a sociedade de acordo com seus papéis sociais no mercado de trabalho: alguns como gestores (líderes), enquanto a massa como trabalhadores “especializados”, tendo o foco no crescimento de um modelo industrial. Houve o do currículo escolar para propagar uma agenda de hegemonia de uma classe conservadora. “Bobbit e outros progressistas codificaram suas ideias em termos científicos” (APPLE, p. 114).

Seja com os antigos teóricos do currículo (aos quais percebemos a sua influência no referencial escolar até hoje) ou com os mais atuais, percebemos a escola como um território que abriga um campo de forças atuantes a partir da ideologia como fonte criadora de consensos e nexos que se desejam ser universais.

É inegável que a escola age atribuindo função e significado ao que é ensinado a partir do currículo básico. Segundo Gramsci, ao estarmos inseridos em determinado grupo é comum adotar a visão social deste mesmo grupo, ainda que não seja crítica. (1978, p. 15) Ademais é preciso se adicionar a visão crítica, sobretudo quando trazemos um conhecimento para o contexto escolar.

De acordo com Macedo (2017) é necessário perceber que o currículo indica caminhos, travessias e chegadas, que são constantemente realinhados e reorientados pela ação dos atores/autores da cena curricular os professores essa atitude vai de encontro aos processos de homogeneização curricular, que tende a criar uma névoa de generalização sacrificando a visão das situações curriculares específicas e suas singularidades. Ou seja, currículo envolve relações de poder, tem um papel político de extremo compromisso com uma outra ética, com uma outra política que não seja a do alijamento, tampouco do corporativismo disciplinar.

**1.2. Teoria curricular crítica**

A teoria curricular crítica, terminantemente contra a hegemonia burguesa dominante, por uma educação reflexiva e emancipatória dos corpos, permeia a ideia que duvidar de um conhecimento pré-concebido é perfeitamente aceitável com argumentos válidos cientificamente.

A teoria curricular crítica de cunho neomarxista na qual Apple se insere critica o conservadorismo e o tom reprodutor da escola, advindo das ideias liberais. Há um vínculo entre educação e produção no sentido de preparar o indivíduo para o mercado de trabalho. Este último não deve ser o objetivo central da educação e fatalmente é apregoado em instituições de ensino tradicionais e por inúmeros profissionais da área. Medir o sucesso de uma escola pela quantidade de aprovações no vestibular tornou-se a régua de uma “educação de qualidade” na sociedade em geral, como sinônimo de “um bom emprego” no futuro. A cobrança para que professores ensinem de maneira robotizada e sem aflorar o senso crítico transformou-se na ordem do dia de tantos colégios, em busca de resultados como se fossem verdadeiras empresas.

Responsabilizar os professores individualmente pelo rendimento insuficiente dos alunos ou coletivamente pelos problemas relativos a uma educação precária além de ser um argumento insuficiente é condizente com o que o sistema preconiza, pois não se questiona as instituições movidas pela lógica da estrutura social e econômica ultra liberal vigente.

**2. Definição de Hegemonia**

É um conceito complexo e multidimensional, levando em conta aspectos sociais, culturais, políticos, entre outros. Não existe ação que não esteja ligada a hegemonia, nem tampouco, uma instituição não hegemônica, é intrínseco. (Gramsci, 1975) Apesar de ser um conceito pré concebido pelo marxismo Leninista teve uma lapidação para qualificá-lo.

A hegemonia pode ser lida como a capacidade de uma cultura, tida como a dominante, pelo fato de ser seguida pela massa e, portanto, mantêm uma influência sobre outras culturas no seio da sociedade. Construída de acordo com Gramsci (1975), pelos aparatos privados de construção. Ganhou notoriedade no meio filosófico. Tornou-se até possível afirmar que o traço essencial da filosofia da práxis mais moderna consiste, precisamente, no conceito histórico-político de ‘Hegemonia’. (GRAMSCI, 2005, p. 195).

Para que a hegemonia atue, é de grande importância a ideologia, cujo significado para Gramsci não pretendo abordar aqui de forma sistemática para não sair do foco principal. No contexto escolar para que haja uma influência eficaz no imaginário dos alunos a ideologia parte de um ambiente familiar (não necessariamente no sentido parental, mas também o é).

 Além da implantação de uma ideologia o Estado neoliberal também atua para auxiliar no processo de execução de uma hegemonia que atue como consenso entre os dominados, principalmente sobre as classes subalternas, o que podemos entender como um projeto educativo cuja ideia para Gramsci é “adequar a civilização e a moralidade das mais amplas massas populares às necessidades do aparelho econômico de produção” (2002b: p.23). Essa seria a parte do consenso necessário para a implantação hegemônica. Não podemos nos esquecer da ideia que a hegemonia também possui a parte coercitiva formada por aparatos burocráticos das leis e das forças armadas, fundamentais para manter o domínio e a ordem burguesa.

**2.1. Escolas como superestruturas necessárias para manter a hegemonia da sociedade**

Sendo a escola uma superestrutura importante para a disseminação da ideologia dominante, Apple aprofundou em suas ideias que não somente a esfera econômica era capaz de dar conta desse viés de influência, mas a parte cultural também faz uma espécie de simbiose com a econômica para combinar no resultado que percebemos no que tange a influência da instituição escolar para a sociedade.

No entanto, por mais que a influência das organizações e do sistema seja grande a escola é formada por pessoas que também possuem a capacidade de influenciar, é um processo contraditório. A escola não é neutra, representa e justifica as necessidades de grupos sociais hegemônicos, é parcial, influenciada principalmente pela economia e estruturas sociais, criando assim currículos moldados aos inter esses externos ao contexto escolar.

A escola inevitavelmente faz uma seleção cultural do que deve estar contido no currículo, mas apesar deste esforço de dominação cultural motivado por várias vertentes burguesas, há resistências, inclusive Gramsci (2005) afirmava que havia falhas nesse processo, e que não é uma regra infalível.

Percebemos no Brasil de hoje, com o avanço do empresariamento da educação via reforma do Novo Ensino Médio (NEM) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma presença forte da aliança citada por Apple, com uma complexidade ainda maior de envolvidos, de altas castas do capital internacional, em busca da maximização dos lucros a partir do crescimento dos negócios no “ramo” da educação. Isso ocorre em forma de plataformização da educação, venda de cursos a educadores com fórmulas mirabolantes para ser o educador do futuro, ou formações adotadas por colégios públicos, que em nada fortalecem o senso crítico, mas a ideia de conformismo diante da realidade social.

Ambos os autores chegam a conclusão que a conjunção de forças antagônicas às classes subalternas constituintes do bloco histórico/hegemônico fortalecem a disseminação de ideias contra revolucionárias e impedem a formação de uma frente única no seio da sociedade visando mudanças sociais.

**Conclusão**

Nessa busca de outros sentidos ao currículo, além da aura de documento formal contendo ordens expressas do que ensinar, podemos incluir as contribuições de Antônio Gramsci com o conceito de Hegemonia; e Michael Apple, que recebeu a influência neomarxista e assim desenvolveu em sua pedagogia crítica uma ideia de currículo apoiada na análise relacional, ou seja, relacionar o contexto com as múltiplas dinâmicas sociais como cultura, gênero, raça etc. Sendo assim há um incentivo no campo das ideias e na prática, de uma tônica curricular mais inclusiva e, sobretudo, que sirva para criar uma cultura de sociedade mais atuante e menos desigual partindo das escolas, e quem sabe um dia, revolucionária.

**Referências Bibliográficas:**

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti.O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **A Lua Nova**, São Paulo: 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/mQtGPDfjR85HxSSLtmgCzbM/>>. Acesso em Fev. 2023.

APPLE, Michael W. **Educação e Poder.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Reestruturação educativa e curricular e as Agendas Neoliberal e Neoconservadora: **Entrevista. [online]**. Currículo sem fronteiras.v.1. n.1. janeiro/junho, 2001. p.5-33. Issn1645 1384. Disponível em:< [www.curriculosemfronteiras.com](http://www.curriculosemfronteiras.com/)>  Acesso em: Dez, 2022.

BOBBITT, Franklin. **The curriculum**. Universal Library: 1918. Disponível em: <<https://archive.org/details/curriculum008619mbp>>. Acesso em: Março 2021.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACEDO, R.S. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. 7.ed.atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

NOGUEIRA, M. de O. e. O CURRÍCULO NO CENTRO DA LUTA: contribuições de Michael Apple para a compreensão da realidade escolar.**Revista Espaço do Currículo**,*[S. l.]*, v. 12, n. 1, p. 119–130, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2019v12n1.39814. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/ufpb.1983-1579.2019v12n1.39814. Acesso em: 15 jan. 2023.

**OLIVEIRA JÚNIOR, Geraldo Coelho de. O conceito de hegemonia em Gramsci: possibilidades de compreensão a partir da educação. ORG & DEMO, Marília: SP. v. 21, n. 2, p. 159-174, Jul./Dez., 2020. DOI:**[**https://doi.org/10.36311/1519-0110.2020.v21n2.p159-174**](https://doi.org/10.36311/1519-0110.2020.v21n2.p159-174)**. Disponível em: <**[**https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/9737**](https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/9737)**>. Acesso em: Jan. 2023.**